ESTADÃO expresso NA PERIFA

SÃO PAULO SEXTA-FEIRA, 4 DE MARÇO DE 2022
expressonaperifa.com.br

Parceria:
99

TECNOLOGIA E IMPACTO SOCIAL

TERRITÓRIOS DIGITAIS

Conheça iniciativas que nascem nas comunidades e ampliam os horizontes de seus moradores com conhecimentos de programação, educação em informática, startup verde e inclusão. Afinal, a tecnologia só melhora a vida na periferia se sua gente estiver empoderada. Quem sabe o que a quebrada precisa é quem vive nela

Akin Abaz, da InfoPreta, luta pela inserção de mulheres e da população negra e LGBTQIAP+ no mercado de trabalho

Isabelle Índia/Expresso na Perifa

ESTE EXEMPLAR É UMA CORTESIA DE S/A O ESTADO DE S.PAULO – EXPRESSO NA PERIFA. DISTRIBUIÇÃO AUTORIZADA PELO ARTIGO 26, PARÁGRAFO 2º, DA LEI 14.517/2007, COMBINADO COM A LEI 5.250/1967. MANTENHA A CIDADE LIMPA – NÃO JOGUE ESTE MATERIAL EM VIA PÚBLICA

No Brasil, o acesso à internet é um direito de todos, mas, segundo o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), 14% da população (26 milhões de pessoas) nunca usou a internet; desse total, 81% recebem até dois salários-mínimos

ENTREVISTA

SOZINHA, A INTERNET NÃO EMPODERA NINGUÉM

Autor do livro "Tecnologia do Oprimido" diz como o ambiente digital pode ser um instrumento de justiça social nas favelas do Brasil

FELIPE MIGLIANI, PERIFACONNECTION

Fotos: divulgação

Em 2021, o antropólogo, professor e pesquisador capixaba David Nemer publicou pela editora Mil Folhas o livro *Tecnologia do Oprimido – Desigualdade e o Mundano Digital nas Favelas do Brasil*. A base do trabalho é a experiência de moradores do Território do Bem, um complexo de favelas em Vitória, capital do Espírito Santo. Nemer investigou o uso que a população favelada faz da tecnologia – a favor de representatividade e empoderamento –, combinando as próprias pesquisas com o pensamento do educador pernambucano Paulo Freire (1921-1997). Mundialmente conhecido, Freire é patrono da educação no Brasil e pautou seus ensinamentos na justiça social.

EXPRESSO NA PERIFA – Por que abordar Paulo Freire em seus estudos?

David Nemer – Durante meu doutorado nos EUA, o ambiente de admiração [dos acadêmicos por Paulo Freire] me influenciou. Virei fã de seus ensinamentos. O uso vago que Paulo Freire faz da palavra "opressão" foi tanto fraqueza quanto ponto forte em *Pedagogia do Oprimido* [lançado em 1968, o livro mais famoso de Freire analisa a relação entre colonizador e colonizado; é referência mundial nas Ciências Sociais e fundamental para a pedagogia crítica]. Freire permitiu que pesquisadores e pessoas de origens muito distintas lessem sua própria experiência de (des)vantagem no texto, e construíssem seus

próprios significados. Faço isso em meu livro e mostro como as ideias dele são atemporais e importantes para se entender as dinâmicas tecnológicas atuais e futuras.

Por que estudar o Território do Bem?

Entender a opressão em uma cidade como Vitória pode nos ajudar a entender a opressão no Brasil. Ao focar em cidades fora daquelas tradicionalmente consideradas como parte do âmbito global, como São Paulo ou Rio de Janeiro, quero chamar a atenção para o fato de que essas regiões intermediárias são onde se espera que a maior parte da população mundial viva nos próximos anos.

Você escreve que acadêmicos e desenvolvedores não enxergam os oprimidos como agentes de tecnologia, só consumidores. Quais as consequências desse tipo de estigmatização?

Tecnologias digitais são programadas por algoritmos que prescrevem como as pessoas devem usá-las. São desenvolvidas ou no Vale do Silício ou sob sua visão de mundo. A maioria é feita para quem tem educação formal e ocidental, últimos computadores e celulares, internet rápida e constante. Já para os oprimidos, como os moradores do Território do Bem, querem dizer como se comportar. De acordo com Paulo Freire, o comportamento do oprimido é definido pelo opressor, uma forma de controle que o impede de alcançar a liberdade.

Como desenvolver tecnologias para uma sociedade mais justa?

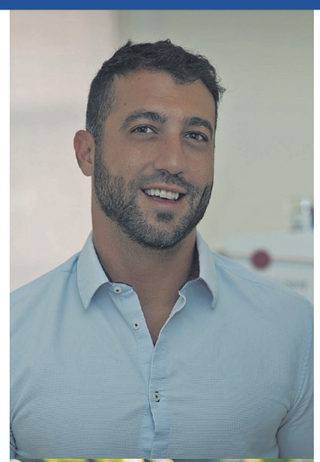
Devemos trazer o conceito da Tecnologia Mundana para a raiz dos desenvolvimentos tecnológicos. Os oprimidos deveriam ser parte do processo de tomada de decisão para tecnologias do futuro. Só assim pode ser que se promova a esperança. Seguindo a advertência de Freire, se os desenvolvedores insistem em impor suas próprias decisões em como as tecnologias devem ser prescritas e usadas, elas nunca tratarão de libertação e empoderamento e podem originar ainda mais opressão.

A Tecnologia Mundana aparece bastante em seu livro. Ela "repara" a falta de infraestrutura nas periferias e melhora a qualidade de vida dos moradores?

Tecnologia Mundana se refere a processos em que oprimidos se apropriam de tecnologias cotidianas — artefatos, operações e espaços tecnológicos — para aliviar a opressão e buscar qualidade de vida. O caso do Gustavo, na página 75, é a melhor forma de exemplificar reparo e infraestrutura. Dono de uma lan house, ele teve que montar sua própria infra para poder trazer internet para cima do morro.

No livro você descreve acontecimentos que evidenciam o abismo social de lugar geográfico, classe e raça. Um dos casos é o das 'jornadas de junho' de 2013. Os problemas sociais na vida offline foram transferidos para a internet?

Sim. Nos protestos, as plataformas de mídias sociais [foram usadas] tanto para empoderar quanto controlar a participação política. Por mais que a internet seja considerada aberta e democrática, sozinha ela não provê espaços de democracia, inclusão e onde todos tenham voz. Nas jornadas de junho, os moradores do Território do Bem foram aos protestos tarde, não por falta de conexão à internet, mas principalmente devido à segregação social, já que quem organizou os protestos foi a classe média estudantil e a informação circulou [nas mídias digitais] principalmente nessa bolha. Trazer mais serviços baseados na internet não conserta as mazelas sociais arraigadas em divisões sociais mais profundas. Essas divisões vão além do



domínio da tecnologia. A ideia de que a tecnologia vai promover alguma grande mudança social deve ser questionada, para que possamos entender como promover uma sociedade menos opressora.

Políticas públicas como a dos telecentros, no Território do Bem, são caminhos a seguir? Como podemos combater a desigualdade nos lugares mais pobres?

Infelizmente o projeto dos telecentros em Vitória foi descontinuado sob a justificativa que hoje o mundo está 'móvel' e que uma rede Wi-Fi resolveria a desigualdade digital. A pandemia nos mostrou como esse pensamento é perigoso, já que ficou mais evidente que muitas pessoas não tinham sequer um tablet para acessar aulas online. É desmotivador ter que escrever um currículo ou um trabalho escolar no celular ou num tablet pequeno, porque essas tecnologias não foram feitas para isso. O mínimo que se espera é um laptop ou notebook para diminuir o impacto negativo na transição para as aulas online. Isso seria algo em que os telecentros poderiam ajudar.

Agentes de Inclusão ajudavam as pessoas a usar as tecnologias e a buscar informações; as pessoas estudavam juntas. Por mais que aglomerações não fossem possíveis na pandemia, acredito que esses espaços seriam parte da solução. Assim como lan houses, esses lugares são comunitários. Neles é possível promover aulas de programação, de preservação do meio ambiente e hackerspaces. No livro eu conto que as mães do Território precisavam trabalhar o dia inteiro e os telecentros e as lan houses funcionavam como um espaço para deixar os filhos. Diversos casos ilustram o quão importante eles são para a comunidade.

A ascensão da extrema direita no mundo se refletiu no Brasil e afetou as eleições de 2018. Circula na internet até hoje uma enxurrada de desinformações e você chegou a ser ameaçado na internet ao alertar para esse problema. A história pode se repetir em 2022?

Prevejo que em 2022 a desinformação vai circular com mais intensidade. O Brasil está numa crise sem precedentes e, para a reeleição, Bolsonaro precisará fabricar uma realidade diferente e convencer sua base, cada vez menor, a votar nele. Vemos o TSE [Tribunal Superior Eleitoral] engajado, fazendo campanhas e buscando soluções, mas as empresas de tecnologia deixam a desejar. O Telegram, por exemplo, se recusa a conversar. O Twitter não toma atitude contra contas verificadas que continuam publicando desinformação sobre vacinação e eleições. Tudo leva a crer que a história se repetirá.

SOBRE O AUTOR

Nascido no Espírito Santo em 1983, David Nemer é especializado na antropologia da informática. Nos Estados Unidos, dá aulas no Departamento de Estudos de Mídia da Universidade da Virgínia. Pesquisador em Harvard, Nemer mostra que tecnologias digitais podem ampliar a opressão e ao mesmo tempo ser ferramentas na luta pela liberdade (desde que os oprimidos tenham voz em seu desenvolvimento). Desde 2018, o autor de *Tecnologia do Oprimido* monitora grupos de política no WhatsApp e escreve sobre o uso da desinformação pela extrema direita para se radicalizar e ganhar poder. Cientista renomado, Nemer já foi ameaçado por causa desse trabalho.

TERRITÓRIO DO BEM

O complexo de favelas em Vitória (ES) une há mais de 15 anos, sob uma mesma identidade, as comunidades de Jaburu, Engenharia e Floresta e dos bairros da Penha, Bonfim, Itararé, Consolação, Gurigica e São Benedito. Foi de lideranças sociais a iniciativa de desconstruir a imagem de violência associada aos territórios.

Acesse expressonaperifa.com.br para saber mais sobre cada um dos projetos de tecnologia e impacto social retratados nesta reportagem

TECNOLOGIA

NAS MÃOS DA COMUNIDADE

Conheça iniciativas de impacto digital, social e profissional que brotam na periferia de São Paulo e ganham projeção no País

Divulgação

Tauan Matos (esq.) é um dos líderes do Mais1Cod

MAIS1CODE

NATALY SIMÕES

O projeto de formação em tecnologia ensina linguagem de programação para a juventude da periferia. A ideia é preparar os estudantes para solucionar problemas nas comunidades em que vivem, além de fazer com que sejam reconhecidos como mão de obra qualificada no mercado de trabalho. Em dois anos na ativa, a Mais1Code já tocou a trajetória de 490 jovens acima de 16 anos e ganhou o selo de negócio de impacto social da Artemisia, organização sem fins lucrativos pioneira na disseminação e no fomento desse tipo de iniciativa no Brasil. As atividades são online e gratuitas.

Com o auxílio de empresas parceiras e encontros semanais com profissionais do mercado que atuam como mentores, os estudantes passam por um letramento em banco de dados, desenvolvimento web, software e outras ferramentas. O projeto também contribui para identificar quem tem perfil de empreendedor e quem prefere trabalhar em empresas de tecnologia. "Temos psicólogos que ajudam a evitar a síndrome do impostor, para que eles não pensem que não são capazes de estar onde estão, porque são jovens sem oportunidades e com muito desejo de fazer acontecer", diz Tauan Matos, um dos líderes do programa.

Paulo Vinicius, de 20 anos, morador do Grajaú, teve de trancar a faculdade na pandemia, voltou a estudar na Mais1Code, retomou o ensino superior e hoje é voluntário no projeto. Ele afirma que a mentoria que recebeu quando era aluno o ajudou a desenvolver um projeto de reciclagem para periferias. "As pessoas vão conseguir agendar coletas de materiais, como latinhas e papelão, e trocar óleo de fritura por sabonete", diz Paulo. "Tudo será feito a partir de um agendamento num aplicativo que mapeia os locais de coleta. Meu objetivo é que o valor da taxa de uso da plataforma seja investido em projetos de educação."

PERIFATEC

ESTER CAETANO

Estimular jovens das periferias de São Paulo a usar a tecnologia a favor do próprio desenvolvimento e da qualidade de vida em seus territórios é um dos principais objetivos do coletivo Perifatec. "[O projeto] nasceu pra quebrar barreiras e educar tecnologicamente pessoas que não têm acesso ou não sabem utilizar as ferramentas para trabalho e para estudo", afirma Luis Nascimento, jornalista e um dos criadores da iniciativa. "Acho que o futuro é isso que a gente está vivendo agora, mas nem todos têm acesso, esse é o problema. Nem todos têm o celular de qualidade, o computador, um videogame de primeira geração. É um pouco do que a desigualdade traz."

O Perifatec é formado por jovens da região do ABC e de periferias da cidade de São Paulo. Eles atuam junto aos moradores no ensino da tecnologia como ponte para autonomia, solução de problemas, desconstrução de estereótipos e encurtamento de distâncias sociais. Em 2021, o grupo promoveu oficinas online e trilhas de aprendizado em parceria com a IBM. O Black Tech reuniu mais de 180 pessoas participantes no aprendizado de criação de currículos, lógica de programação, e inteligência artificial. "As pessoas agradeceram todo o evento e ficaram animadas com a ideia da tecnologia em favor dos territórios, entusiasmadas", relembra.

Mariana Lima/Divulgação

Jovens Hackers: programação, robótica e cultura maker

JOVENS HACKERS

RIVIANE LEITE, EMBARQUE NO DIREITO

Organização voltada ao ensino de programação, robótica e cultura maker para crianças e adolescentes da periferia, a Jovens Hackers foi criada pelo empreendedor social Arthur Gandra, de Franco da Rocha. "Apesar de tudo, eu tive alguns privilégios. Estudei com bolsa de 100% pelo Programa Universidade para Todos (Prouni) e queria devolver isso para a sociedade", diz Arthur. "Quando a gente recebe uma criança aqui, ela pode ter um emprego na área de tecnologia e também acessar outros aprendizados, como criatividade, trabalho em equipe e raciocínio lógico, para usar na vida, independente da profissão que escolher", conta.

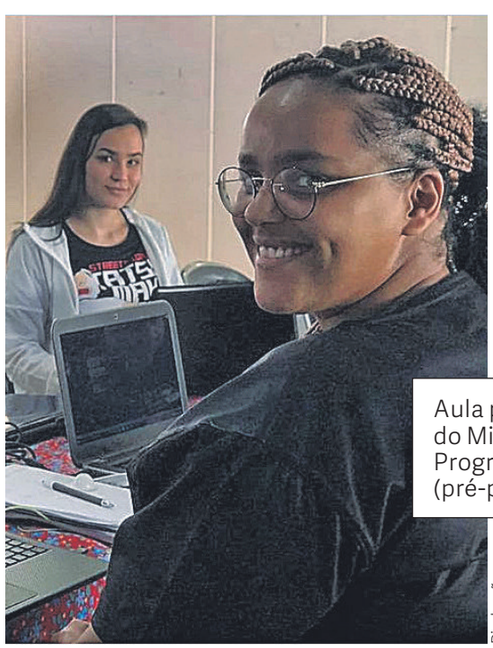
Em 2017, o projeto da Jovens Hackers foi contemplado no edital municipal do Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (Vai Tec). Já na primeira turma, conseguiu formar 500 crianças entre 8 e 12 anos de alta vulnerabilidade social. Surgia ali uma escola que cobra, de quem pode pagar, o equivalente a 25% de cursos particulares convencionais. E há aulas gratuitas online para quem não tem como arcar com a mensalidade. Adolescentes de 13 a 17 anos também são atendidos. A partir dos 16, são oferecidos cursos de empreendedorismo e mercado de trabalho. Ao todo são 1.200 alunos em 24 Estados e no Distrito Federal. O sonho agora é montar um banco de talentos e encaminhar a juventude para o mercado de trabalho por meio de parcerias com empresas.

MINAS QUE PROGRAMAM

ESTER CAETANO

Criado em 2015 para confrontar o padrão básico de gênero e raça nas áreas de ciência, tecnologia e computação (em que predominam homens brancos), o Minas que Programam ensina meninas e mulheres, principalmente negras e indígenas, a programar, além de promover palestras, oficinas e grupos de estudo. "Percebíamos cursos a preços proibitivos e poucos espaços onde elas estivessem confortáveis", conta a programadora Bárbara Paes, uma das três autoras do projeto junto de Fernanda Balbino e Ariane Cor. "'Vamos fazer isso ser uma coisa fácil', pensamos."

Engajado na criação de um ambiente acolhedor e feminista, o trio convocou profissionais dispostas a compartilhar conhecimento. Começou a oferecer cursos em São Paulo, chegou ao Rio de Janeiro e, na pandemia, o modelo online se espalhou pelo País. Um balanço dos primeiros cinco anos de atividade mostra que 60% das ex-alunas ingressaram no mercado de trabalho – algumas ensinam no projeto. Outro fenômeno importante é a influência das participantes na comunidade, porque elas estimulam amigas e familiares a trilhar o mesmo caminho.



Divulgação

Aula presencial do Minas que Programam (pré-pandemia)

Isabelle Índia/Expresso na Periferia

Karina do Carmo e José Neto integram a startup verde

METARECICLAGEM

ANDRESSA MARQUES

Criada em 2017 por José Sales Neto na comunidade Capadócia (extremo norte da cidade de São Paulo), a MetaReciclagem é uma reconhecida startup verde e de desenvolvimento tecnológico voltada para a transformação social. Não se trata de restaurar computador para doar: um eletrônico que não funciona mais é desmontado e suas partes ganham outras finalidades. Coolers de computador, por exemplo, viram ventiladores residenciais. "De uma impressora antiga, a gente faz um kit para utilização em robótica educacional com mais de 20 aplicações para crianças do fundamental 1 ao ensino médio", diz José.

A estação de coleta e processamento da rede fica na Brasilândia e tem capacidade para tratar até 5 toneladas por mês de lixo eletrônico. Na Escola Criativa da Comunidade Capadócia, mantida pelo projeto, as reciclagens são documentadas em fotos e catálogos para que sejam monitoradas até que a peça tenha sido efetivamente transformada. "Se uma impressora vira três motores, tudo é registrado e acompanhado para a destinação que a gente deu. E essa é a certeza, para quem descarta conosco, de que a utilização vai ser correta e potencializada com educação", conta José.

Barreiras visíveis da desigualdade digital

Já existem iniciativas da periferia para diminuir o abismo entre pobres e ricos em relação às diferenças no acesso à informação e à educação. Entre elas, incluir a presença de mulheres em ambientes e trabalhos tecnológicos, territórios ainda masculinos

Pexels

O acesso desigual a ferramentas essenciais atualmente — como internet — é um problema social grave e que afeta pessoas do mundo todo. Na pandemia essa diferença ficou ainda mais evidente, e termos como exclusão e desigualdade digital, entre outros, se tornaram comuns.

De acordo com a União Internacional de Telecomunicações (UIT), 46,4% da população global ainda não está online. As graves consequências se manifestam em vários aspectos. "Quem não consegue se conectar à internet está em desvantagem terrível, não apenas no acesso à informação, mas na educação, na obtenção de dados sobre saúde, nas possibilidades de trabalho e nas formas de compensar a crise econômica", explica Sónia Jorge, diretora-executiva da Aliança para a Internet Acessível, no lançamento do Roteiro para Cooperação Digital pela Organização das Nações Unidas (ONU), que ocorreu em junho de 2021.

O documento, que visa garantir que todas as pessoas estejam conectadas e sejam respeitadas no espaço virtual, é resultado de um esforço global em temas como internet, inteligência artificial e outras tecnologias digitais, e segue firmando alianças para construir esse caminho.

Por mais mulheres no digital

Em um segmento predominantemente masculino, uma iniciativa para ter mais mulheres atuando nessa área é o Minas em Tech, projeto que oferece formação em tecnologia para meninas cis e trans que estejam cursando o Ensino Médio, além de pessoas com deficiência, e que residam na região conhecida como Matão, em Sumaré, cidade do interior do Estado de São Paulo. A ação é conduzida pela Casa Hacker, grupo fundado por uma comunidade da periferia do entorno. Segundo os organizadores, o curso gratuito oferece treinamentos em tecnologia digital, impressão 3D, robótica, inteligência artificial, segurança, privacidade e desenvolvimento de projetos, além de temas que estimulam a presença de mulheres nas áreas de ciência e tecnologia. As inscrições para a próxima turma vão até o dia 11 de março, pelo site https://www.casahacker.org/minasemtech.

> Quem não consegue se conectar à internet está em desvantagem no acesso à informação e à educação. Tecnologia é algo ainda "predominantemente" masculino, mas o cenário vem mudando com ações para incluir mulheres nesse segmento: afinal, são elas que mais necessitam dessas ferramentas inclusive para se locomover com mais segurança

Elas necessitam "ainda mais" de tecnologia

Pesquisa realizada pelo Datafolha sob encomenda da 99, empresa de tecnologia ligada à mobilidade urbana e à conveniência, aponta que 76% das mulheres preferem chamar um carro por aplicativo para cuidar da saúde e 60% para ir ao supermercado por questões de agilidade, eficiência e segurança. Os números refletem o perfil dos papéis de gêneros atribuídos pela sociedade: entre os homens, 61% usam o serviço para ir ao shopping, a parques ou sair com os filhos para passear. "Diante disso, repensamos maneiras de manter o transporte por app ainda mais eficiente e seguro para elas", analisa Livia Pozzi, diretora de Operações e Produtos da 99.

Ferramentas para a segurança

Nos últimos dois anos, a empresa já investiu R$ 70 milhões em sistemas preventivos e ferramentas de proteção ao público feminino. A plataforma utiliza duas inteligências artificiais (Pítia e Atena) que identificam passageiras em situação de maior risco e enviam a elas somente motoristas mulheres ou os condutores mais bem avaliados dentro do app.

Ao final da corrida, a ferramenta Ártemis, desenvolvida em parceria com a consultoria Think Eva, rastreia e identifica palavras e contextos relacionados ao assédio deixados nos comentários, banindo agressores e direcionando as vítimas para acolhimento e suporte. Pela Ártemis, são identificadas e banidas, em média, 730 pessoas por semana que cometeram algum tipo de assédio. Como resultado dos investimentos, a app da 99 registrou queda de 13% em ocorrências de assédio na plataforma, em todo o País, no período de julho de 2020 a julho de 2021.

Para acessar outros conteúdos, aponte a câmera do celular para este QR code:

99 Se cuida, vai de 99

CHEGA JUNTO COM A 99 E GANHE MAIS EM 2022!

São diversos incentivos para você aumentar os seus ganhos, motorista parceiro!

NOVO AUMENTO DE GANHOS

A 99 aumentou os seus ganhos por km em 8%! Além disso, o seu ganho mínimo é de R$6,50!

GANHO POR DESLOCAMENTO

Ganhe mais para buscar passageiros distantes! Quanto maior a distância, maior o seu ganho extra!

99 TAXA ZERO

Durante todas as sextas-feiras de fevereiro, das 16h às 22h, você corre com 99Taxa Zero!

Saiba mais em 99app.com/maisganhos-saopaulo

*Válido para a cidade de São Paulo e região metropolitana.

Considerada em 2021 uma das 50 startups que mudam o Brasil, a empresa nasceu em 2013 e tem a meta de crescer de maneira sustentável a partir da democratização do acesso à tecnologia

APRESENTA E REPRESENTA

AKIN ABAZ PROMOVE DIVERSIDADE NA TECNOLOGIA

Consultor trans luta por espaço para mulheres e população negra e LGBTQIAP+ no mercado de trabalho

LUIZ CARVALHO

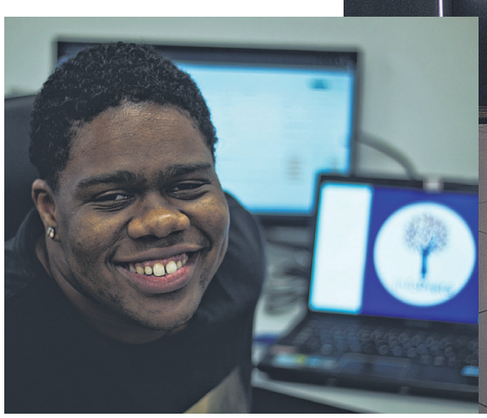
Akin Abaz tem 27 anos e se apresenta como empresário formado em Eletrônica, Automação Industrial e Ciências da Computação com registro no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea-SP). Mas quem conhece ou já ouviu falar da InfoPreta, assistência de tecnologia focada em diversidade e inovação, sabe que há mais a dizer.

Akin é CEO da empresa de manutenção de computadores de todas as marcas e atua em projetos de impacto social. Ela se distingue de outras prestadoras de serviço do ramo porque coloca o foco na inserção de pessoas negras, LGBTQIAP+ e mulheres no mercado de tecnologia. "Se analisar quem trabalha lá, ninguém é padrão", afirma Akin.

Ações sociais — Criada na cidade de Osasco, na Grande São Paulo, a InfoPreta atualmente ocupa um prédio comercial na zona oeste da capital paulista e adota programas como o Notes Solidários da Preta. "Recolhemos em empresas e recebemos de pessoas equipamentos que não usam mais", explica Akin. "Consertamos, reciclamos e doamos para estudantes universitários." Alunos da rede pública também podem ser beneficiados

A startup apoia a criação de laboratórios de tecnologia e de audiovisual nas comunidades e oferece também oportunidades de formação em manutenção de equipamentos de informática a pessoas negras. "Sem esses projetos sociais, a InfoPreta é apenas uma empresa como qualquer outra. Não adianta ensinar sobre tecnologia sem considerar a realidade de quem está na comunidade", explica Abaz.

A ideia, afirma o consultor, é "jogar o jogo do mercado", gerar lucro e crescimento, empoderando jovens com uma história muito semelhante à dele — morador da periferia de São Paulo, Abaz saiu da escola com poucos conhecimentos sobre tecnologia.



Isabelle Índia/Expresso na Perifa

CENÁRIO DE DESIGUALDADE

Dados da Jornada Potências Negras e Shopper Experience, de agosto de 2021, mostram que 60% dos negros gostariam, mas não conseguem trabalhar na área de tecnologia. A maioria (29%) não enxerga oportunidades e isso pode ser confirmado com a avaliação dos cargos de direção. Entre todos os entrevistados, 29% das pessoas negras que trabalham com tecnologia têm postos de gerência ou direção. Entre os brancos, a faixa é de 46%.

Acostumado a montar e desmontar máquinas, Akin Abaz aplicou a ideia de remodelar equipamentos à própria vida. Homem trans, em 2019 ele deu continuidade a um processo de transição numa cirurgia de mastectomia que permitiu a ele ser quem enxergava no espelho. Ser consultor de tecnologia para a diversidade é abrir para outras pessoas portas que, na sua vez, estavam fechadas. Akin quer modificar um mercado ainda altamente excludente

ESTADÃO expresso NA PERIFA
expressonaperifa.com.br

ESTADÃO EXPRESSO NA PERIFA
Publicação da **S/A O Estado de S. Paulo**
Diretor de Projetos Especiais e Jornalista Responsável: Luis Fernando Bovo
MTB nº 26090/SP

ESTADÃO BLUE STUDIO
Projeto criado e apoiado por: 99

Gerente de Conteúdo: Tatiana Babadobulos
Editora Estadão Expresso na Perifa: Viviane Zandonadi
Editor 99 Expresso na Perifa: Lucas Veloso
Designer: Robson Mathias

Apoio: Mariana Collini e Fátima Chicarelli
Revisão: Francisco Marçal
Circulação: 1ª sexta-feira do mês
Tiragem: 30.000 exemplares
Distribuição gratuita – São Paulo (Capital)

COLETIVOS E COLABORADORES
Embarque no Direito (SP); Favela em Pauta (RJ); Juca Guimarães (SP); Lá da Favelinha (MG); PerifaConnection (RJ); Periferia em Foco (PA)